

## Quanto vale um licenciado?

Ao jornal Expresso  
José Ferreira Gomes  
Universidade do Porto  
01Nov04  
*Publicado 27Nov04*

Portugal tem hoje (censo de 2001) quatrocentos mil licenciados e cento e sessenta e oito mil bacharéis. Adicionalmente, estão a sair cada ano cerca de sessenta mil novos diplomados, bacharéis e licenciados.

Esta paisagem nada tem a ver com a que tínhamos há vinte ou trinta anos. Será que se espera de um diplomado de hoje o mesmo que se esperava no passado? A resposta é complexa e tem de moldar a política de oferta educativa do ensino superior.

Com alguns atrasos relativos, esta transformação deu-se em todos os países desenvolvidos no último meio século. A sociedade adaptou-se, o sistema de ensino superior ajustou-se à nova realidade fazendo muito mais do que crescer dentro dos modelos anteriores. As reformas que incendiaram a Europa nos últimos cinco anos sob a capa do chamado processo de Bolonha não são mais do que o ajuste orgânico das políticas de ensino superior dos países signatários que são já quarenta.

Os países do continente deram-se conta de que estão a reter os jovens na universidade demasiado tempo, perdendo-se aí a fase da vida mais produtiva e criativa. Para algumas profissões, essa formação longa é necessária e o jovem estudante acumula os saberes e treina as competências necessárias para o seu exercício e evolução posterior. Para muitos, é uma pura perda de tempo. Vão mudar de actividade várias vezes ao longo da sua vida activa reaprendendo de cada vez uma nova profissão, nunca chegando a usar saberes específicos cuja aprendizagem os reteve longamente na universidade. Os saberes básicos e as competências genéricas de que necessita podem ser adquiridos mais rapidamente, entrando na vida activa com a flexibilidade e a adaptabilidade que as mutações rápidas da sociedade hoje exigem. A realidade dos sistemas de ensino superior britânico e norte-americano onde muitos estudantes entram na vida activa com diplomas de 2 ou 3 anos (enquanto outros se mantêm em programas longos) serviu de inspiração para a criação de um sistema de dois ciclos de Bolonha. Espera-se que muitos estudantes venham a optar por entrar na vida activa ao fim do primeiro ciclo de cerca de 3 anos. Não há a intenção de abreviar por decreto o curso de medicina ou de arquitectura ou mesmo de engenharia para 3 anos! Estas disciplinas profissionais têm uma forte cultura própria que define com solidez o modelo desejável de formação e isto tem sido sempre respeitado pelo legislador. O que se procura é oferecer ao estudante a opção de sair da escola mais cedo, face à constatação de que tal pode ser vantajoso para o indivíduo e para a sociedade.

Quer as ordens profissionais quer as sociedades científicas já se manifestaram entre nós no sentido de não associar o nome tradicional de licenciado a este novo ciclo curto como estivera previsto na Lei de Bases que foi aprovada em Julho na Assembleia da República mas não chegou a ser promulgada pelo Presidente da República. O próprio Conselho de Reitores também objectara desde 2001 a que a Licenciatura universitária pudesse ser reduzida a 3 anos. Em língua inglesa, os dois ciclos são associados aos graus de *bachelor* e de *master*. Alguns países do continente introduziram estes termos como neologismos em nome da legibilidade internacional dos seus graus académicos. Não teremos dificuldade em construir uma solução que evite o risco de confusão interna e mantenha toda a clareza na leitura internacional.